série Abolição

1 – **O Abolicionismo.** Joaquim Nabuco

2 – **João Alfredo – O Estadista da Abolição.** Manuel Correia de Andrade

3 – **Henrique Dias - Governador dos Crioulos, Negros e Mulatos do Brasil.** José Antônio Gonsalves de Mello.

4 – **Agricultura Nacional. Estudos Econômicos. Propaganda Abolicionista.** André Rebouças.

5 – **Minha meninice e outros ensaios.** João Alfredo Corrêa de Oliveira

6 e 7 – **Estudos Afro-Brasileiros.** (1º volume) e **Novos Estudos Afro-Brasileiros** (2º volume) – Edição fac-similar dos trabalhos apresentados no 1º Congresso Afro-Brasileiro no Recife, em 1934, sob a coordenação de Gilberto Freyre. Apresentação de José Antônio Gonsalves de Mello.

8 – **Campanha Abolicionista no Recife.** Joaquim Nabuco.

9 – **A Escravidão.** Joaquim Nabuco. 1988. 126 p.

10 – **A Abolição em Pernambuco.** Organizado por Leonardo Dantas Silva

11 – **Alguns Documentos para a História da Escravidão.** Organizado por Leonardo Dantas Silva.

12 – **O Abolicionista,** edição fac-similar do jornal editado entre 1º de novembro de 1880 a 1º de dezembro de 1881.

13 – **A Imprensa e a Abolição.** Organizado por Leonardo Dantas Silva - edição fac-similar dos principais jornais e revistas abolicionistas que circularam em Pernambuco, entre 1876 a 1891, além de outros números avulsos de interesse para o estudo do movimento abolicionista.

14 – **Abolição: A Liberdade veio do Norte.** Fernando da Cruz Gouvêa

15 – **Estudos sobre a Escravidão Negra.** Organizado por Leonardo Dantas Silva.

16 – **O Negro Brasileiro.** Arthur Ramos

JUNTADO PORCA
I CONGRESSO AFRO
PE

Fundação Joaquim Nabuco
Biblioteca Central Blanche Knopf
DIVISÃO DE ASSISTÊNCIA AO USUÁRIO
Rua Dois Irmãos, 92 - Apipucos
50.000 - Recife - PE

Estudos Afro-Brasileiros

CEM ANOS DA ABOLIÇÃO
1888 - 1988

minC - Ministério da Cultura
Governo José Sarney
Programa Nacional do Centenário da Abolição da Escravatura

cientistas sociais de participar com colaboração para o projetado Congresso. Aliás Gilberto Freyre já havia demonstrado sua invulgar habilidade de convocar especialistas para trabalhos coletivos: prova-o o *Livro do Nordeste*, editado em 1925, quando do centenário do *Diario de Pernambuco*. Ao lado da participação de tantos e ilustres estudiosos brasileiros e de um antropólogo americano foi necessário o apoio e também a participação dos mais influentes babalorixás e ialorixás do Recife. Várias reuniões foram realizadas no Serviço de Higiene Mental, que então funcionava em dependência do prédio da administração do Hospital da Tamarineira. Essa colaboração foi possível graças à confiança que Ulysses Pernambucano alcançara entre os responsáveis pelos cer tros de culto afro-brasileiro, ao conseguir desde 1932 o afastamento da polícia estadual do licenciamento e fiscalização desses centros. Recordo-me que a casa de Ulysses Pernambucano (e não apenas a sua sala de Diretor da Tamarineira) vez por outra era visitada por algum babalorixá em dificuldade com a polícia ou com alguma colega de culto.

Alguns desses babalorixás colaboraram desde o início com a iniciativa do Congresso, em especial Pai Anselmo e, um pouco menos, Oscar de Almeida. Pai Adão, com seu culto na grande casa da Estrada Velha da Água Fria, em cujo terreno levantava-se uma imponente gameleira, embora tivesse comparecido a uma daquelas reuniões preparatórias, recusou-se a participar do Congresso, pois não considerava os outros babalorixás seus iguais, pois que sua formação fôra realizada na própria África, o que não acontecia com os demais. Dessa pré-história do Congresso existe depoimento de um dos auxiliares de Ulysses Pernambucano, o médico Pedro Cavalcanti, incluido neste volume. Muito esclarecedor é trecho de conferência de Gilberto Freyre sobre Ulysses Pernambucano, pronunciada em Maceió em 17 de março de 1944, pouco depois da morte deste em 5 de dezembro de 1943: "Foi com o apoio inteligente e corajoso de Ulysses que ousei organizar, auxiliado por um pequeno grupo de amigos [. . .] o primeiro Congresso Afro-Brasileiro. Com o apoio somente, não; a idéia do Congresso não me teria talvez ocorrido se não fosse o trabalho interessantíssimo que Ulysses Pernambucano vinha realizando de controle científico das chamadas seitas africanas do Recife. A princípio pensei em realizar não um congresso principalmente de documentação viva e de estudo panorâmico de assuntos afro-brasileiros, como o que se realizou, afinal, mas um congresso de "seitas" ou "religiões" de origem africana, que reunisse babalorixás ou delegados das principais seitas chamadas africanas existentes no Brasil. Mas tão forte era o sentimento de ortodoxia da parte de alguns chefes de seitas que verifiquei ser impossível o conclave imaginado. Sobre esse fracasso é que se desenvolveu a idéia do Congresso Afro-Brasileiro do Recife, tornado possível pelo trabalho de higiene mental e, ao mesmo tempo, de investigação científica, realizado em Pernambuco por Ulysses Pernambucano e por seus colaboradores em torno das sobrevivências religiosas de cultura africana".

Não se pode dizer que o Congresso tivesse encontrado acolhida de certas áreas da comunidade do Recife. Houve desconfianças de alguns setores de que fosse iniciativa de comunistas. Não posso negar que não tivesse havido tentativas de infiltração por parte de comunistas — todas repelidas por Gilberto Freyre. É, portanto, absolutamente certo o que ele afirma, em artigo incluido em *Novos Estudos Afro-Brasileiros*, de que o Congresso "não se associou a nenhum movimento político, a nenhuma doutrina religiosa, a nenhum partido". É também certo que a parte social do Congresso teve a acolhida da "melhor gente do Recife": a ceia de quitutes afro-brasileiros realizada na Escola Doméstica do Recife, então na Rua Fernandes Vieira; o recital de músicas e toadas de xangôs, dirigido pelo Maestro Ernani Braga, conduzido no Santa Isabel, a exposição de obras de pintores brasileiros de temas afro-brasileiros e de objetos de artesanato, trabalho este último que teve a direção de Cícero Dias. Cícero dirigiu a impressão de cartões postais então distribuídos, um com desenho seu a nanquim, outro com fotografia de um babalorixá do Recife entre dois acólitos.

O Congresso, já o disse, teve repercussão local, nacional e mesmo internacional. A Bahia, anos mais tarde, promoveu o 2º Congresso. Nuno Simões, ilustre escritor português, apontou naquela altura a reunião do Recife como exemplo a instituições do seu país para o estudo das populações da África portuguesa. Quarenta anos depois da realização do Congresso esta reedição vem trazer a leitores brasileiros informação exata da importância da reunião do Recife.

José Antônio Gonsalves de Mello